



A Catedral Sagrado Coração de Jesus: representação simbólica da igreja católica na cidade de Petrolina, Pernambuco

Edivania Granja da Silva Oliveira¹, Carlos Alberto Batista Santos²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão de Pernambuco – IF SERTÃO-PE. Petrolina, PE.
edivania.granja@gmail.com

²Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, Campus III, Juazeiro, BA.
cacobatista@yahoo.com.br

RESUMO: Esse artigo pretende debater questões pertinentes ao papel da Igreja Católica aliada à proposta de desenvolvimento do Estado Brasileiro, fomentadora do desenvolvimento social, político, econômico e cultural da cidade de Petrolina através da atuação do Bispo Dom Malan na implantação de várias obras, especialmente a construção da Igreja Catedral, assim como sua importância para a cidade no século XX, contribuindo para estabelecer não só a simbologia da religião local, mas também representando um marco de modernidade. Também será analisada a influência da religião católica na sociedade petrolinense, focando a classe dominante, representada por famílias com predomínio social, econômico, político e cultural na comunidade.

Palavras-chave: Religião, Desenvolvimento, Modernidade.

Holy heart Cathedral: Symbolic representation Catholic Church in Petrolina, Pernambuco, Brazil

ABSTRACT: This article aims to discuss issues relevant to the role of the Catholic Church together with the proposed development of the Brazilian State, promoter of social, political, economic and cultural city of Petrolina through the agency of Bishop Malan in the implementation of several works, especially the construction Church Cathedral, as well as its importance to the city in the twentieth century, helping to establish not only the symbolism of the local religion, but also represents a milestone of modernity. Also analyzes the influence of the Catholic religion in society petrolinense, focusing on the ruling class, represented predominantly by families with social, economic, political and cultural community.

Keywords: Religion, Modernity, Development.

Introdução

A Igreja Católica mantém historicamente um papel determinante no desenvolvimento social, econômico e cultura da sociedade brasileira através da relação com o Estado. Esta realidade está bem delineada na história da cidade de Petrolina, Estado de Pernambuco, na qual serão percebidas as estruturas sociais imbricadas com o Estado.

A discussão de cidade será considerada nesse estudo a partir da concepção de que

“A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a” (BARTHES, 2001, 224).

A cidade é na percepção de representação cultural e social de uma comunidade. Assim, pode-se dizer que ela é a circunscrição de sua história. Nesse sentido a cidade é um discurso, uma leitura, uma escrita – linguagem perceptível pelo grupo que a compõem,

“Existe, por exemplo, a escrita produzida pelo desenho das ruas, monumentos e habitações, em duas palavras: a escrita arquitetônica de uma cidade. Trata-se de uma escrita sincrônica, que nos fala daqueles que a habitam, e também de uma escrita diacrônica, que nos permite decifrar a ‘história’ da cidade que é lida. [...]” (BARROS, 2007, p. 41).

Assim, reavivar sentimentos, ouvir o passado é o desafio desse trabalho, a partir dele e com ele tecer essa rede plural que contempla não só o olhar de uma parte do todo, mas olhares diferentes que tentam responder às inquietações sobre a influência da religião católica na sociedade petrolinense do início do século XX, focando a classe dominante, representada por famílias com predomínio social, econômico e político na comunidade.

Apresentamos também um panorama da composição simbólica do sertão e os elementos

fundamentais na representação histórica que o sertanejo faz desta tradição religiosa católica.

Contexto Histórico

O sertão nordestino desde o período colonial é um lugar de confluência de pessoas para fixação de moradias, incremento econômico através da criação de gado, da prática de agricultura de subsistência, de transporte de mercadorias e lugar de passagem de viajantes.

O termo sertão é utilizado desde a época da colonização brasileira, “[...] significaria local afastado dos terrenos cultos ou da costa, coração das terras, interior, região pouco habitada ou deserta [...]”. (PERICÁS, 2010, p. 24).

Petrolina, localizada no sertão de Pernambuco era conhecida, desde o século XVIII, como local de descanso de viajantes e de criadores de gado na travessia do rio São Francisco.

A história da ocupação da região do Vale do São Francisco pode ser remetida ao século XVII quando já figuram no mapa da Capitania de Pernambuco, elaborado por Frans Post, alguns núcleos de povoamentos que pululavam às margens do rio São Francisco.

A colonização das áreas banhadas pelo rio São Francisco pode-se afirmar que teve como fator predominante a atividade da pecuária, “[...] permitiu a penetração para o interior do território e, assegura o controle e o povoamento dele pela Coroa Portuguesa que ampliava a sua expansão para além do litoral”. (FILHO, 2005, p. 1).

Petrolina foi palco desse fenômeno através do Rio São Francisco, denominado na língua indígena de Opara:

“O Rio Opara significava o que fazia o caminho das águas para o mar. Às suas margens, árvores, arbustos e matos pequenos enroscavam-se, formando um longo e estreito cinturão verde estirado em curvas no meio de uma vegetação cinzenta, baixa, espinhenta e retorcida: a caatinga. [...] Onças, veados, caititus, mocós, emas,

seriemas, raposas, lobos-guará, gatos-domato e uma infinidade de outros bichos do chão, do ar e da água entrecruzavam-se na luta entre o viver, o atacar e o se defender. No meio disso tudo, outros seres, também animais, mas de um outro jeito. [...] a quem os europeus, posteriormente, denominaram de índios. [...] os agrupamentos indígenas mais recentes na região eram formados pelos índios Cariris expulsos do litoral pelos índios Tupis. Os Cariris alojavam-se nos lugares mais férteis [...] às margens do Rio Opara e de seus afluentes” (GONÇALVES, 1997, p. 12).

O Vale do São Francisco era uma das regiões mais povoadas da colônia, de acordo com GONÇALVES (1997, p. 40), “alicerçava-se como base na ocupação de parte considerável do sertão nordestino, como centro irradiador de rebanho e população”. O gado criado nessa região e no Piauí destinava-se para o abastecimento do litoral baiano, principalmente Salvador.

A formação de Petrolina como unidade administrativa eclesiástica e estatal a partir da segunda metade do século XIX, reconhecida como povoado em 1860, freguesia (unidade administrativa eclesiástica) em 1893, Vila em 1879, município em 1893 e elevada à categoria de Cidade em 1895. (CHILCOTE, 1990).

BRITTO (1995), comenta sobre a origem e a nomeação de Petrolina:

“A origem da sede desse município é desconhecida, rezando a tradição ter sido uma fazenda de criação de gado e, como outrora servia de passagem aos negociantes de gado de Ouricury, deste Estado e do Estado de Piauhy para a cidade de Joazeiro, Estado da Bahia, lhe veio o nome ‘Passagem de Joazeiro’, nome que conservou por muito tempo até que com a criação da Freguesia, [...] a denominação de ‘Petrolina’”. (BRITTO, 1995, p. 14).

Há outras versões sobre a origem do nome, como afirma CHILCOTE (1990, p. 110): “[...] foi denominada Petrolina, em referência

ao imperador dom Pedro II, ou à abundância de pedras naquela área”.

Percebe-se nesse histórico sobre Petrolina a atuação da Igreja Católica no reconhecimento do lugar na categoria de freguesia, anterior ao título de município e cidade reconhecido pelo Estado brasileiro, com a citação de BRITTO (1995) do nome “Passagem de Joazeiro” para a denominação “Petrolina” a partir da criação da Freguesia.

A cidade de Petrolina no início do século XX possuía cerca de três mil e quinhentos habitantes sofria com as constantes secas, encontrava-se isolada da Capital do Estado, em situação semelhante às cidades sertanejas vizinhas, no entanto, contava com líderes políticos que saíram a campo em busca de desenvolvimento para o nascente município. (CHILCOTE, 1990).

Para demonstrar o poder político na formação de Petrolina destaca-se que,

“Os chefes políticos mais importantes, em fins do século dezenove e princípio do século vinte, foram Antônio Correia Amorim, aliado ao Senador estadual Francisco de Assis Rosa e Silva e José Rabelo Padilha, que teve sua influência fortalecida pelo casamento de suas cinco filhas com famílias proeminentes, sendo um, o casamento de Antônia Amélia, com o coronel Octacílo Nunes de Souza, que foi prefeito de Petrolina de 1916 a 1919. [...]. Seu poder político tinha cunho econômico, segundo notícias da imprensa na época, ele era tido como um eminente capitalista e chefe político de elevado prestígio em Juazeiro e Petrolina, sendo também membro respeitado e reconhecido pela ‘alta sociedade baiana [...]’”. (CHILCOTE, 1990, p. 81).

Juntamente com as lideranças políticas, as autoridades católicas foram fundamentais para formação e manutenção da classe dominante,

“[...] o patriarcado se assegurava um lugar de destaque nos assuntos da Igreja [...], por exemplo, [...] o Centro Paroquial, um centro social sob a égide da Igreja que tinha entre seus diretores, os coronéis João

Clementino de Souza Barros e José Rabelo Padilha”. (CHILCOTE, 1990, P. 264).

Nesse contexto, é afirmado que o desenvolvimento da cidade de Petrolina é atribuído aos líderes políticos, representantes da classe dominante e participantes dos assuntos eclesiásticos da comunidade.

A afirmação da Igreja Católica em Petrolina pode ser apontada a partir da construção da primeira Igreja (Figura 1) em 1860, elevada a categoria de Matriz. Petrolina ao tornar-se Freguesia, ganha o primeiro vigário, o Padre Manoel Joaquim da Silva. Em 1924, é implantado o Bispado e nomeado o primeiro Bispo, Dom Antonio Maria Malan, que ocupa o cargo até 1931.

Figura1: Vista panorâmica da cidade de Petrolina, tendo em destaque a Igreja Matriz.



Fonte: Arquivo Museu do Sertão, PE.

A influência da Igreja Católica no desenvolvimento de Petrolina - Início do século XX

Até a década de 20, do século passado Petrolina era estereotipada como uma região “resistente” ao progresso, com dificuldades sociais e econômicas. A principal fonte econômica era a atividade pecuária. A partir desse período foi instalada na cidade fábricas de borracha, de fumo, de vinagre e de sabão. Foi introduzida a cultura do algodão dando início ao crescimento comercial. Ocorreu também na mesma época desenvolvimento no setor cultural, de acordo com CHILCOTE (1990, p. 84), “Existia na época oito escolas primárias, sendo três particulares, duas estaduais e três municipais e uma de nível de secundário, o colégio Frei Caneca”.

O sentido de desenvolvimento apontado aqui por CHILCOTE (1990) é na perspectiva de progresso com predominância do econômico, inclusive quando é destacado pelo autor o desenvolvimento de atividades econômicas aliada ao desenvolvimento cultural através da existência de escolas formais.

A Igreja católica reafirma sua importância para cidade através da implantação de uma Diocese, como destaca o Monsenhor Ângelo Vieira, Reitor do Seminário Diocesano de Petrolina (CAVALCANTE, 2006, p. 77) “Em 1924, acelera-se o progresso de Petrolina, com a criação da Diocese, sendo primeiro bispo Dom Antonio Maria Malan, um francês de nascimento e que adotou o Brasil e, principalmente, Petrolina como sua terra natal”.

As relações do Estado e da Igreja tiveram papel fundamental e inquestionável na formação e organização de muitas cidades no

Brasil, podendo ser apontada como norteadora do desenho urbano e da criação oficial de um município, compreendido como,

“Uma concentração de moradas e uma capela, depois capela-curada ou visitada por um padre, quem sabe, uma paróquia mais tarde. Um povoado [...] constituir uma paróquia ou, [...] uma freguesia. Depois tal freguesia vai almejar a autonomia municipal [...]”. (MARX, 2010, p. 12).

Para o viajante Inglês Henri Koster que empreendeu viagens pelo sertão no século XIX, descreveu a importância de uma Igreja como componente essencial para perceber uma vila,

“Pela manhã subsequente ainda passamos arvoredos e, perto do meio-dia, chegamos a Vila do Assú. Oh, que alegria tive vendo uma igreja!... e a perspectiva regular de uma vila como pessoas civilizadas, se assim as posso chamar de ‘civilizados’, de acordo com as ideias europeias”. (KOSTER, 1942, p. 138).

A despeito do preconceito que compõe a visão do viajante, pode-se perceber que o papel desempenhado pela Igreja Católica “em lugares inóspitos e esquecidos pelo Estado” era o de responsável pelo reconhecimento político e administrativo da comunidade, com a construção de Igreja, a presença de um padre e o “reconhecimento oficializado do lugarejo, vila ou cidade no contexto regional” ROSA (2010, p. 83), E ainda afirma que:

“[...] as construções eclesiásticas, a religião oficial, com todos seus ritos e práticas ainda exerce grande importância sobre a formação e organização dos espaços urbanos, pois têm posição privilegiada dentro de grande parte das cidades brasileiras, além de influenciar ações e valores de grande número de indivíduos [...]. Assim, muitas cidades [...] têm inicialmente uma função religiosa que foi substituída por outras funções, mas em algumas cidades, a função religiosa permanece ainda impregnada no espaço urbano, constituindo-se um dos principais elementos de sua produção e organização espacial” (ROSA, 2010, p.83-90).

O Catolicismo sofreu alterações significativas, redefinindo sua posição na sociedade brasileira, perdendo o status de religião oficial e dominante diante da diversidade de alternativas religiosas do início do século XX (STEIL & HERRERA, 2010).

Assim, pode-se fazer uma leitura das estratégias da Igreja Católica no processo de expansão do catolicismo com a criação da Diocese em Petrolina no ano de 1924 através do lema “Mandou-me evangelizar os pobres” (CAVALCANTE, 2010, p. 1), empreendido pelo primeiro Bispo, o padre Dom Malan.

A chegada do Bispo Dom Malan e a estrutura da Igreja em Petrolina à época foi descrita por LIMA (2010):

“[...] Chegou à recém-criada Diocese de Petrolina em 14 de agosto de 1924. A essa altura a Diocese era carente de tudo, inclusive de padres. Recebeu, como Catedral, a Igreja Matriz de N. S. Rainha dos Anjos, pequena, de traços singelos e em péssimo estado de conservação”. (LIMA, 2010, p. 73).

A Igreja Católica no início do século XX tinha como projeto para fazer frente às exigências dos novos tempos, a concepção de que os bispos seriam dirigentes espirituais e materiais, atuando também no campo cultural. Recebendo recomendações como representantes legais da Igreja Católica em cada Estado para manter relacionamento com o Estado brasileiro, bem como a representação formal de diversas associações de católicos de interesse público (RIBEIRO, 2009).

Dentro dessa ótica pode-se inserir a criação da Diocese em Petrolina e o plano de trabalho desempenhado pelo Bispo Dom Malan na realização de obras, principalmente no empreendimento da construção da Catedral, templo grandioso para a época, pois comporta mais de mil pessoas.

Para a implantação de associação religiosa, NEVES (1999) destaca:

“O Papa Pio XI (1922-1939) [...] determinava regras de conduta e promovia a fundação de associações religiosas para maior divulgação do pensamento católico e

participação e controle dos leigos, no que se refere à doutrina. Por sua vez a ação da Igreja Católica no Brasil, na década de 20, também voltou-se para a promoção e defesa de sua doutrina nos meios políticos e social, através do fortalecimento ou criação de associações religiosas, jornais e revistas católicas”. (NEVES, 1999, p. 62).

Assim, pode-se perceber que a criação da Diocese e a nomeação do primeiro Bispo, Dom Antonio Maria Malan, ou simplesmente Dom Malan como era por todos conhecido, em Petrolina, pode ser compreendida como parte de uma estratégia da Igreja Católica no Brasil, dentro de uma nova lógica de atuação no campo religioso, político, educacional e cultural.

O então Bispo Dom Malan adotava o modelo de Igreja esquematizada no Concílio de Trento, da qual sua organização é profundamente hierarquizada e centralizada. A participação dos fiéis leigos é permitida basicamente através de associações (CAVALCANTE, 2010, p. 1).

A Modernização de Petrolina e a atuação do bispo Dom Malan

D. Malan procurou estruturar e organizar a Diocese, patrocinando a vinda de padres salesianos e seminaristas para contribuir no trabalho pastoral, além de desenvolver um trabalho no sentido de consolidar o catolicismo em toda a extensa área que abrangia,

[...] a Diocese incluía, além de Petrolina, as paróquias de Boa Vista, Cabrobó, Leopoldina (Parnamarim), Serrinha (Serrita), Ouricuri, São Gonçalo (Araripina), Exu e Granito. A Diocese de Petrolina está presente numa área geográfica de 3.547,40 quilômetros quadrados. Esta área coincide com parte do sertão de Pernambuco e se situa no extremo oeste do Estado de Pernambuco. Limita-se com as dioceses de: Afogados da Ingazeira (PE), Crato (CE), Floresta (PE), Juazeiro (BA) e Picos (PI). A população da área abrangente da Diocese quais poucos mais de 708.000 são católicos (CAVALCANTE, 1999, p. 4).

Para implantação desses projetos, pode-se dizer que o Bispo direcionou suas ações para o atendimento das demandas sociais, políticas e culturais de Petrolina que, ao seu modo, e à luz dos interesses dos grupos da elite dominante, foram entrelaçados na busca de alternativas para a instalação ou criação de instituições fundamentais para fomentar a modernização da cidade, como o empreendimento da Igreja Catedral, o projeto de construção de um hospital e a implantação de escolas, como afirma LIMA (2010, p. 73): “[...] Nos setes anos de seu episcopado, criou dois bons colégios, o Colégio Nossa Senhora Maria Auxiliadora (1926) e Colégio Dom Bosco (1927), um hospital e o Palácio Diocesano”.

Modernidade pode também ser compreendida na sociedade ocidental com o sentido de movimento modernista dentro religião Católica,

“[...] Em sentido estrito, o modernismo é um movimento interno da Igreja Católica nos primeiros anos do século XX [...]. No fim do século XIX e princípio do século XX nasce o conflito antigo/moderno no interior do Catolicismo [...] por um lado, o dogma e sobretudo a exegese bíblica e, por outro, a evolução social e política”. (LE GOFF, 1996, p. 180 e 181).

Nesse sentido, pode-se analisar o enfoque destacado por SAMPAIO (2006) na demonstração do empenho do Bispo Dom Malan para implantar a Ordem das Irmãs Salesianas em Petrolina,

[...] Em maio de 1923, o Bispo de Pesqueira, Dom José Oliveira Lopes, anunciou a criação de um bispado, no sertão nordestino. Em novembro, a *Bula Pontificia Dominici Gregis Cura*, do Papa Pio XI, instituiu o bispado em Petrolina e nomeou como primeiro bispo o salesiano Dom Antonio Maria Malan, que havia sido inspetor de Mato Grosso e sempre se destacou por promover a obra dos salesianos e das filhas de Maria Auxiliadora, o bispo Dom Malan recorrera à Inspeção de Santa Catarina, com sede em São Paulo. Não foi atendido por haver carência de pessoal. Sem desistir de seus

objetivos, Dom Malan partiu para a Itália, onde conseguiu seis irmãs para sua diocese [...]. Após longa viagem por terra e por mar chegaram ao sertão pernambucano, acompanhadas pelo bispo e pelo Reverendo Monsenhor Ângelo Sampaio, sacerdote que teve papel fundamental durante os primeiros anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, tornando-se capelão e guia espiritual das irmãs durante vinte e quatro anos. (SAMPAIO, 2006, p. 32).

É descrito por LIMA (2010, p. 73) a personagem de D. Malan como “[...] Pomposo, figura de personalidade marcante, caráter forte, comunicativo, bem relacionado, aristocrata, pedinchão, apaixonado pelas grandes obras. [...]”. A concepção dos atributos da personalidade de Dom Malan destacados pelo autor pode ser atribuído no sentido de afirmação do papel do Bispo como realizador de obras constituintes do desenvolvimento da cidade.

A imbricação do Estado, Igreja e a Classe dominante em Petrolina pode ser pontuada pela participação das famílias Souza e Coelho como membros da Comissão Central da construção da Catedral, da doação do terreno pelo poder público como afirma BRITTO (1995), “O terreno fora doado pela prefeitura na gestão do prefeito Sr. Major Alcides Padilha através da Lei no. 190 de 15/03/1926”.

A participação da população de Petrolina foi bastante significativa para concretização de tal empreendimento, partícipes ativos da construção, carregando pedras na cabeça, em uma distância de 2 km, pedras essas que serviram para formar as paredes externas da Catedral. CAVALCANTE (1999, p. 10) informa que “[...] Foram retiradas cerca de 4.000 m³ de pedras da pedra existente ao lado esquerdo da igreja Matriz. Outra parte foi retirada do Caldeirão das Raposas”.

Dom Malan resolveu buscar recursos no exterior para consolidar o projeto, partiu para a Europa no dia 25 de fevereiro de 1925. Ao retornar a Petrolina, um ano depois, trouxe consigo 30 toneladas de material presenteado pelos amigos, como castiçais góticos, o

artístico ostensório doado pelo Papa Pio XI, vitrais, as imagens que ornaram a fachada da Catedral e os quadros da via-sacra entre outros objetos (CAVALCANTE, 1999).

A origem da fabricação e de doação de elementos ornamentais e sagrados para a Catedral, como,

“[...] os vitrais de fabricação francesa foram confeccionados na fábrica Granoble; As estátuas que ficam acima da porta principal: Jesus, São Pedro e São Paulo, cada um com dois metros de altura e todas de bronze, também são de fabricação francesa. Os sinos, cada um com 1,4 toneladas, são provenientes também da França e foram colocados na torre esquerda no dia 12/02/1929 sendo doados pelas famílias Silva Ramos e Chatais Abelle. (...) A sagração dos sinos, aconteceu no dia 19/02/1929, contando com a presença de várias autoridades. O relógio foi construído pelo mecânico cearense Pelúcio Correa de Macedo, localizado na torre esquerda e foi presenteado por Padre Cícero Romão de Juazeiro do Norte. (...)”. (BRITTO, 1995, p. 156).

Com relação à escolha da data de inauguração da Catedral, Britto (1995) relata:

“O dia 15 de agosto foi escolhido por D. Malan para a inauguração da Catedral, não por ser a data da sua vinda para Petrolina, a sua posse como primeiro Bispo de Petrolina, mas por ser comemorado em todo mundo católico o 50º aniversário de sacerdócio de Sua Santidade o Papa Pio XI. Pediu ao povo petrolinense que fosse Solenemente consagrada a Catedral ao Sagrado coração de Jesus, o ‘Cristo Rei. (...) D. Miguel de Lima Valverde, arcebispo de Olinda e Recife, oficiou o ato da Sagração e Dom Augusto Álvaro da Silva, arcebispo Primaz do Brasil e Metropolitano da Bahia, reza o 1º Pontifical”’. (BRITTO, 1995, p. 157).

A inauguração da obra de tão grande vulto, marco de modernidade de Petrolina, no empreendimento modernizador do País, associada ao Estado é perfeitamente compreensivo que a cerimônia contasse com a

participação de políticos expressivos da política nacional, como os governadores de Pernambuco, da Bahia e de Minas Gerais. Além de outros convidados de diversas regiões do país, o clero e o povo em geral.

Catedral – Representação Simbólica da Modernidade em Petrolina

Pode-se perceber que as imagens podem intermediar tempos diversos, possibilitando um diálogo entre passado e presente. Transmitem conceitos, modos de ver e entender a vida,

enfim, nos permite conhecer como o mundo era visto por culturas temporalmente distantes.

As imagens são representações do mundo elaboradas para serem vistas,

“As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário”. (PESAVENTO, 2003, p. 40).

Figura 2: Catedral de Petrolina. Tem aproximadamente 67 metros de comprimento e 25 de largura.



Fonte: Arquivo Museu do Sertão, Petrolina, PE.

O conceito de representação é no sentido de trazer o passado ausente vivido, para o presente como forma de interpretá-lo e apropriar-se do social, do institucional e, sobretudo do cultural. Segundo CHARTIER (1990), significa “construir uma história social das representações remetidas para suas determinações fundamentais”, um dos focos de percepção das edificações transformadas em monumentos históricos, representações da

cultura de um lugar, como é o caso da Catedral de Petrolina.

LIMA (2010) analisa a importância da Construção da Catedral por Dom Malan como imagem simbólica:

“A criação de dois colégios e um hospital foi um grande passo. Na realidade, a construção da Catedral, símbolo da fé representada pela sua grandiosidade, foi marco de otimismo, expectativa de futuro e orgulho cívico. Arrolada entre os

empreendimentos ‘impossíveis’, a Catedral, expressão concreta de fé, gigantesco monumento arquitetônico, aparentemente deslocado no tempo e no espaço, talvez fosse para o bispo, também uma forma de conquistar a simpatia do povo, ao tempo em que significava o poder de determinação e a força dos fiéis unidos pelo mesmo ideal”. (LIMA, 2010, p. 75).

A construção da Catedral representou um marco na história de Petrolina, cidade que, ao longo do século XX, foi criando estrutura de grande centro urbano. Pode-se apontar a influência de religiosos católicos no processo de modernidade de Petrolina através do desligamento de Santa Maria da Boa Vista, da construção de grandes obras, como a Catedral, criação de escolas, implantação de projetos de irrigação, incentivo na criação de associações de leigos, efetivando a participação da sociedade petrolinense no campo religioso, político e cultural. (CAVALCANTE, 2010).

Para reforçar a ideia da Catedral como fator influenciador na construção da modernidade de Petrolina,

“[...] a ideia do edifício foi concebida, desenvolvida e concluída com o intuito de servir como o marco do desenvolvimento de Petrolina, que estaria por vir. O próprio D. Malan, à época, afirmou que ‘construindo-se a Casa de Deus todo o resto virá por acréscimo’. [...]. Essa dupla definição que encontramos na Catedral do Sagrado Coração de Jesus, sendo Monumento, enquanto pensado como o marco do desenvolvimento de Petrolina durante a concepção do ideal da construção, e devido ao seu caráter emblemático e comemorativo, sendo Monumento Histórico. Uma vez que toca a memória, integrando-se à vida dos petrolinenses e à história da cidade [...]”. (MAGALHÃES, 2010, p. 09).

Pode-se apontar também como fenômeno da modernidade como a comunidade de Petrolina apropriou-se da comunicação e de seu poder para difundir e produzir imagens, instaurar versões de realidade, comunicá-la, compartilhá-la e, assim engendrar solidariedade à sua causa.

Modernidade percebida como

fenômeno de “[...] cultura de vida cotidiana e uma cultura de massa [...]”. (LE GOFF, 1996, p. 194), destaca-se algumas das produções e circulações de notícias através da criação de vários jornais, como A Fênix (1897), O Trabalho (1912), O Comércio (1913), O Pharol, editado por João Ferreira Gomes, publicação iniciada em 1915 que perdurou até 1990. Bem como outros jornais publicados nas primeiras décadas do século XX, como demonstração da cidade conectada com os ideários da modernidade brasileira. (BRITTO, 1995).

Famílias de elite na formação de Petrolina

A formação da sociedade sertaneja nordestina baseou-se em uma nova estratégia da elaboração dos códigos de leis e de costumes europeus adaptando-as, forjando essa nova ordem através das relações familiares, como afirma NOVAES (1981, p. 30), “É inegável que a história do Brasil nos três primeiros séculos, está intimamente ligada à história da expansão comercial e colonial europeia na época moderna. É nesse contexto que se produz o desenho da família”.

O poder das famílias pertencentes à classe dominante de Petrolina pode ser classificado pelo regime patriarcal, pelo coronelismo e pelo clientelismo. Para a compreensão do poder dessas famílias faz-se necessário uma breve explanação sobre tais denominações.

Baseado em CHILCOTE (1990), o patriarcalismo em Petrolina foi constituído pelas famílias Amorim, Cavalcante, Coelho, Padilha e Santana Souza. Sendo cada família chefiada por um Coronel. Essas famílias dominavam o cenário político, econômico e social da região. Os maiores detentores de terras, de rendas comerciais e de poder político desse período era representado pelas famílias Cavalcante, Souza e Coelho.

A origem de duas dessas famílias é citada por BRITTO (1991), apesar de uma visão um tanto romantizada de tais conquistas,

característica marcante da história biográfica da região.

“O Coronel Valério Coelho Rodrigues era dono de várias fazendas na região e o primeiro ascendente em linha direta da família Souza Coelho, na época radicada em Afrânio e Petrolina. Português, de espírito aventureiro, verdadeiro bandeirante, desbravador do Sertão piauiense, enfrentou grandes desafios (ataques de índios, doenças, adversidades do clima), tornou-se dono de grandes extensões de terras, algumas conquistadas, outras compradas ou ocupadas em Piauí e Pernambuco”. (BRITTO, 1991, p. 15).

O casamento como constituição das relações familiares é apontado por (ALGRANTI, 1997, p. 87) que diz: “não se pode negar a importância do casamento no projeto colonizador do Estado e da Igreja, embora na prática ele tenha sido uma instituição primordialmente da elite”.

Reafirmando os laços familiares através do casamento em Petrolina,

“A família Padilha também tinha vínculos estreitos, pelo casamento, com a família Santana. [...]. O envolvimento dos Santana na política de Petrolina foi representado por Antonio Santana Filho (prefeito de 1912 a 1913 e vice-prefeito de 1916 a 1918). [...]. O coronel Clementino de Souza Coelho (Quelê), descendente, por casamento dos Souza e dos Coelhos, tornou-se a personalidade de maior influência econômica em Petrolina e, posteriormente, seus filhos iriam dominar a comunidade econômica e politicamente” (CHILCOTE, 1990, p. 100).

A influência política das principais famílias de Petrolina permeou de forma direta e indireta as relações estabelecidas com a instituição do casamento durante o século XX com a ascensão da família Coelho na consolidação do poder municipal, estadual e federal com financiamentos e investimentos públicos no impulso do desenvolvimento da cidade. Segundo COELHO (2007):

“O ‘Coronel’ Clementino Coelho, [...] acalentava vários sonhos: ter seu império

montado, ter filhos políticos e ver a transformação de Petrolina na Manchester do Nordeste [...]. Em 1920, é instalada na região uma indústria de borracha [...] O Cel. Quelê, montou o Parque Industrial mais bem equipado na região [...]”. (COELHO, 2007, p. 28).

Portanto, o domínio dessas famílias era de ordem econômica, política e social. No tocante ao envolvimento da classe dominante em atividades sociais através da participação em sociedades civis e sociais criadas nas primeiras décadas do século XX, como a Sociedade Filarmônica 21 de setembro, fundada em 1910, tendo sua diretoria executiva constituída por membros das famílias Souza, Padilha e Coelho. O Clube Filhas de Mozart, ligado a essa mesma sociedade, criado em 1917, era constituído pelas esposas, irmãs e filhas dessas famílias. Como também representavam o Jockey Clube de Petrolina, de 1924, o Centro Paroquial, de 1916 e a Associação das Damas de Caridade, de 1923 (CHILCOTE, 1990).

A sociedade petrolinense percebe a relação intrínseca entre Igreja e classe dominante afirmado pelo estudo de (CHILCOTE, 1990, p. 200) “[...] a Igreja em Petrolina sempre fora reconhecida pela comunidade como um dos pilares do poder da classe dominante [...]”.

Por isso, pode-se apontar que o ideário de modernidade empreendido pela Igreja Católica em Petrolina é no sentido de reafirmação do catolicismo com apoio de classe dominante na consolidação de poder eclesial e dessas famílias na comunidade.

Conclusões

Pode-se perceber que a influência das famílias da classe dominante na formação de Petrolina, com característica patriarcal e coronelista, compõe-se através de representações de redes de sociabilidades em todas as esferas dessa comunidade. Bem como a formação e consolidação do poder de poucas famílias com a instituição e as relações

familiares através dos casamentos entre seus membros.

A Petrolina de hoje, não é apenas lugar de passagem, mas região de interesses diversos, com investimentos nacionais e internacionais na produção de vinho, cultivo de vinhedos e frutas tropicais para exportação. Petrolina é considerada a “Nova Califórnia” ou “Califórnia brasileira”. Devido ao impulso do desenvolvimento causado pela agricultura irrigada, sendo o maior produtor de frutas do Vale do São Francisco.

Há outras denominações para Petrolina, como a “Princesa do Sertão”, “Encruzilhada do Progresso”, “Terra dos Impossíveis” e a “Catedral da Irrigação”, como referência clara da influência católica no imaginário dos petrolinenses, corporificada na Catedral (PMP, 2009).

Nesse contexto, a Igreja Católica em Petrolina pode ser analisada dentro de um Projeto denominado conservador com aspectos modernizadores, tendo o Bispo D. Malan como representante principal desse modelo, ao implantar o Bispado de Petrolina, no intuito de introduzir projetos inovadores com novas estratégias de favorecimento da Igreja Católica como vetor da modernização da região, dentro da lógica da Igreja Católica como participante no desenvolvimento do Estado Brasileiro, concretizado como marco instrumental de modernidade, obra de cunho grandioso para a época. Assim, a construção da Igreja Catedral em Petrolina é um empreendimento que serve como representação simbólica da influência da Igreja Católica na cidade.

Referências

- ALGRANTI, Leila Mezan. *Famílias e vida doméstica in: História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. (Org.) Laura de Melo e Souza. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BARROS, José D’ Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes, 2007
- BARTHES, Roland. *Semiologia e urbanismo*. In: A aventura semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRITTO, Maria Creuza de Sá Y. *Petrolina origem, fatos, vida, uma história (do desbravamento do município a 1992)*. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995.
- CAVALCANTE, Francisco José. *Catedral de Petrolina, Profecia e evolução*. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1999.
- _____. *A História da Diocese de Petrolina*. Diocese de Petrolina, 2010. Acessado em 24 de novembro de 2010: <http://www.diocesedepetrolina.org/diocese.asp>.
- CAVALCANTE, Carlos. *A Família Coelho do Sertão do São Francisco*. Recife: Copyright 2006 by Carlos Cavalcante.
- CHARTIER, R. *Introdução*. In: *A História Cultural*. Editora Difel. Lisboa, 1990.
- CHILCOTE, Ronald H. *Transição capitalista e a classe dominante no Nordeste*. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- COELHO, Rosabelli Lima Cavalcanti. *Política, gestão e cidade: política habitacional e voto em Petrolina, Pernambuco*. Dissertação. Campinas: PUC-Campinas, 2007.
- FILHO, José Vieira Camelo. *A Dinâmica Política, Econômica e Social do Rio São Francisco e do seu Vale*. Revista do Departamento de Geografia, 17 (2005). Acessado em 08/12/2011: <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/39>.
- GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. *OPARA: Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco*. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1997. 249 p.

- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. trad. e notas L. C. Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. [orig. 1816].
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4ª. Edição. Campinas: Editora Unicamp, 1996.
- LIMA, José Américo de. *Coronel Quelé, Adversidade & Bonança*. Petrolina: Ed. Do autor, 2010.
- MAGALHÃES, Pablo Michel Cândido de Alves de. *A Catedral de Pedra como Identidade Social: A Memória Coletiva na Construção do "Ser Petrolinense"*. HISTORIEN – Revista de História [3]; Petrolina, abr./set. 2010. Acessado em 28/12/2010: [HTTP://www.revistahistorien.com](http://www.revistahistorien.com).
- MARX, Murillo. *Cidades no Brasil: Terra de quem*. São Paulo: EDIUSP, 1991. In: ROSA, Wedmon Teixeira. *A Influência da Religiosidade Popular e da Igreja Católica na Formação e (Re)Organização Espacial das Cidades no Recôncavo Sul da Bahia: o Caso de Milagres*. CIENT / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Ano II. n. 1 (Jan./Dez. 2009). Recife: CCS Gráfica, 2010, p. 79-91.
- NEVES, Cláudia da Silva. *"Poder público municipal e Sociedade de São Vicente de Paulo: dois modelos de atuação na área da assistência social em Londrina (1964 - 1988)*. UNESP/Assis - SP, 1999.
- NOVAES, Fernando de A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial*. Hucitec, 2ª ed. São Paulo. 1981, p. 47.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jutahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (col. História e... Reflexões).
- RIBEIRO, Emanuela Souza. *Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional – Práticas e estratégias intelectuais: 1889 - 1930*. (Tese Doutorado): UFPE/CFCH: Recife, 2009.
- ROSA, Wedmon Teixeira. *A Influência da Religiosidade Popular e da Igreja Católica na Formação e (Re)Organização Espacial das Cidades no Recôncavo Sul da Bahia: o Caso de Milagres*. CIENT / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Ano II. n. 1 (Jan./Dez. 2009). Recife: CCS Gráfica, 2010. p.79-91.
- SAMPAIO, Neiva Lobato. *Ressignificado, Avaliação e Implantação do Ensino Médio: um estudo de caso sobre a Reforma do Ensino Médio numa Escola Confessional*. Brasília: UCB/UNB, 2006. Acessado em 10/08/2010: http://www.bdt.d.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=771.
- STEIL, Carlos Alberto & Herrera & Sônia Reyes. *Catolicismo e Ciências Sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo*. Sociologia: Porto Alegre, ano 12, no. 23, jan./abr. 2010, p. 354-393.